



"Educação como prática de Liberdade":
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

10370 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT10 - Alfabetização, Leitura e Escrita

LITERATURA INDÍGENA: MOVIMENTO PARA DEMARCAÇÃO DO TERRITÓRIO SIMBÓLICO

Carina Oliveira Silva - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO -
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

LITERATURA INDÍGENA: MOVIMENTO PARA DEMARCAÇÃO DO TERRITÓRIO SIMBÓLICO

RESUMO

O presente texto apresenta parte dos resultados da pesquisa de dissertação de mestrado, cujo objetivo principal foi compreender os sentidos produzidos por autores(as) indígenas sobre a Literatura Indígena brasileira. A investigação contou com revisão bibliográfica sobre literatura indígena brasileira; mapeamento de autores indígenas brasileiros e suas produções literárias; organização, transcrição e análise de lives no Instagram Literatura Indígena Brasileira. Para esta apresentação trazemos a definição de literatura indígena a partir do relato de autores indígenas. A investigação apontou que a literatura indígena, originalmente multimodal, ao fazer uso da escrita se representa como instrumento de resistência e, demarcação de território simbólico, via de entradas nas culturas dos povos indígenas brasileiros.

Palavras-Chave: literatura indígena, literatura infantil, autores indígenas, autoras indígenas

RESUMO EXPANDIDO

Historicamente os povos indígenas foram visibilizados a partir do discurso e do ponto de vista do outro e não do próprio discurso. Inicialmente pelo europeu colonizador, por cronistas e romancistas e, a partir do século XIX e XX, por antropólogos e outros estudiosos. Foi na década de 1970 que surgiram organizações e movimentos em defesa dos interesses e direitos dos povos indígenas. Segundo a Graúna (2013) a divulgação em torno da política etnocida da ditadura civil militar acelerou a inclusão na Constituição Federal de 1988 dos direitos indígenas e, conseqüentemente, o avanço do Movimento Indígena. Nos anos 1990, os indígenas passaram de objeto de enunciado alheio a sujeitos de enunciação de discursos próprios. Passaram a apresentar as identidades indígenas conforme suas versões e de acordo com seus olhares, suas experiências de vida. A linguagem escrita passou a ser uma importante forma destas vozes se pronunciarem. De acordo com Thiél (2012), por intermédio da escrita alfabética, os escritores indígenas intentam desfazer ideias distorcidas dos séculos de colonização e de silenciamento. A escrita e a literatura tornam-se instrumentos de revisão das identidades individuais e coletivas. Nesta perspectiva, surge a literatura indígena, uma literatura desenvolvida por sujeitos indígenas, por diferentes vozes dos povos indígenas.

Assim indagamos, como autores indígenas brasileiros concebem a literatura indígena? O que dizem sobre suas obras, seus processos de produção, temas e questões que os inquietam?

A pesquisa contou com os seguintes procedimentos metodológicos: revisão bibliográfica sobre literatura indígena brasileira; mapeamento de autores e autoras indígenas brasileiros e sua produção literária; organização, transcrição e análise de lives produzidas no perfil da rede social Instagram denominado "Literatura Indígena Brasil" (@literaturaindigenabrasil). Tem como principais referenciais teóricos os estudos de: Thiél (2012), Graúna (2013), Munduruku (2017 - 2012) e Dorrico (2018). Somadas à discussão teórica, dialogamos sobre a literatura indígena a partir das contribuições de 8 autores e autoras indígenas entrevistados nas lives do Instagram, campo da pesquisa.

Dentre a relevância da temática da pesquisa, salientamos a importância da literatura indígena no campo educacional, em especial, na escola. Partimos do pressuposto de que a literatura, como manifestação cultural de todos os povos, é e tem sido uma das portas de entrada às diversas formas de viver e de ver o mundo. A literatura indígena ocupa um importante lugar para atender a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996) alterada pela Lei nº 11.645, de março de 2008, que institui a inclusão no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "história e cultura afro-brasileira e indígena". Este ordenamento legal embora não inclua a Educação Infantil, a necessidade de apropriação das crianças de 0 a 6 anos acerca das contribuições histórico-culturais dos povos indígenas está expressa nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (CNE-CEB, Resolução nº 5, 2009). Portanto, a partir destes documentos a escola seria a instituição que deveria garantir o acesso das crianças à(s) cultura(s) indígena(s). Entendemos que são muitas as manifestações culturais dos mais de 305 povos indígenas brasileiros, com suas formas próprias de viver e de se expressar e a literatura pode trazer parte importante deste universo simbólico.

A Literatura indígena contemporânea está atrelada ao momento histórico em que os sujeitos e povos indígenas tomam a palavra que lhes foi silenciada por tantos séculos e se relaciona à representatividade dos diferentes povos. A literatura indígena carrega o tema indígena a partir da própria experiência do indígena, experiência de sujeito e povo, experiência carnal, experiência ancestral. Segundo Dorrico (2018), a literatura indígena nasce para a sociedade nacional, via mercado editorial em 1990. Essas vozes, agora registradas em escrita alfabética e circulando de modo impresso, encontram na literatura indígena, o lugar de enunciação de expressão indígena, de reafirmação do caráter de resistência, de luta pela demarcação de suas terras e de seu território simbólico e de reivindicação de uma revisão dos registros oficiais que os silenciam. Podemos relacionar o surgimento desta escrita indígena enquanto resultado do Movimento Indígena (1970-1990), pois, a partir deste, os sujeitos e povos indígenas tiveram sua cidadania brasileira garantida e suas línguas, costumes, modos de viver reconhecidos legalmente. Desde a colonização, até a década de 1990, na condição de tutelados e silenciados, sem autonomia, autoria e protagonismo, aos sujeitos indígenas foi negado o reconhecimento de sua expressão poética. A partir de então e, precisamente com o projeto literário 'Todas as vezes que dizemos adeus' de Kaká Werá Jecupé (1ª ed 1994), os sujeitos indígenas passam a evocar à sociedade não indígena o reconhecimento de potências estéticas e resistências políticas. A literatura passa a ser um instrumento de memória e de mais um lugar estético assumido para o registro e fomento das artes indígenas que englobam diversas manifestações culturais tais como: cantos, danças, pinturas corporais, plumagem, cerâmica, cestaria etc.

A literatura indígena é realizada pelos próprios indígenas segundo as modalidades discursivas que lhes são peculiares. Para Thiél (2013), as obras indígenas, voltadas para o público adulto e para o público infanto-juvenil, apresentam uma interação de multimodalidades: "a leitura da palavra impressa interage com a leitura das ilustrações, com a percepção de desenhos geométricos, de elementos rítmicos e performáticos." (THIÉL, 2013, p.1178). Para a autora, através do contato com as textualidades indígenas, estereótipos podem ser desfeitos, debatidos. Visões de mundo restritas podem ser ampliadas. Conforme Thiél

(2013), para que a literatura indígena alcance a sala de aula, é preciso que seus leitores, professores e alunos, disponham de referenciais teóricos para que as textualidades indígenas sejam concebidas em sua contextualização cultural e estética. Para a autora, “o contato com a literatura indígena nos desafia e proporciona o encontro com este outro cuja relação com a terra, o divino, a ordem social, a história, as artes, problematiza nossa própria relação com estes elementos e com a nossa própria identidade”. (THIÉL, 2013, p.1185).

Para Graúna (2013), a literatura escrita pelos sujeitos e povos indígenas e a teoria gerada por estes, entende e solicita que sejam lidas as várias faces de sua transversalidade, isso se dá pela estreita relação entre a oralidade e a escrita. Como pensar as obras de literatura geradas por esses sujeitos e povos? Dentre outros pontos, a literatura indígena a auto-história intensifica a escrita e intensifica a crítica. Pois, não se pode pensar na escrita indígena apartada da história a qual está inserida, situada. A produção literária é construída a partir de multimodalidades discursivas. Elas conduzem a uma reflexão sobre as negociações realizadas entre os textos extraocidentais (elaborados pela tradição alfabética, oral e pictográfica) e o cânone ocidental. A palavra impressa, desenhos geométricos, elementos sonoros, musicais, performance, formam um conjunto a ser lido. Para Munduruku (2012), a literatura indígena possui ampla abrangência, contempla as diversas manifestações culturais dos povos indígenas, tem conceito de cultura. Conforme Graúna (2013), compostos no intercâmbio entre oralidade e escrita, as textualidades indígenas revelam sua complexidade e seu caráter híbrido. Por isso, conduzem a releitura do que o cânone ocidental costuma considerar como texto literário.

As investigações do Movimento Indígena e da Literatura Indígena têm apontado que nos últimos trinta anos tem havido um movimento de autores e autoras indígenas que demarcam seus lugares de fala sobre as suas próprias culturas, assim como, produzido sentidos sobre a literatura indígena brasileira. Dentre os convidados e convidadas das lives, campo da pesquisa, estão: Julie Dorrico, Daniel Munduruku, Márcia Kambeba, Tiago Hakiy, Aline Puri, Auritha Tabajara, Nankupé Tupinambá Fulkaxó, Ailton Krenak. Ao encontro do objetivo geral da dissertação, ou seja, para a compreensão dos sentidos produzidos por autores(as) indígenas sobre a Literatura Indígena brasileira, destaco as concepções de literatura indígena de dois autores indígenas: Daniel Munduruku e Tiago Hakiy.

Daniel Munduruku é escritor Munduruku. É graduado em filosofia, psicologia e história. cursou mestrado em Antropologia Social e doutorado em Educação na USP. É pós-doutor em Linguística com ênfase na Literatura Indígena pela UFSC-Car. É autor de 53 obras, a maior parte delas é classificada como literatura infanto-juvenil. É diretor-presidente do Instituto UK'a – Casa dos Saberes Ancestrais. Daniel Munduruku é membro fundador da Academia de Letras de Lorena, recebeu inúmeros prêmios no Brasil e no exterior, entre eles: Jabuti, Prêmio da Academia brasileira de letras, Érico Vanucci Mendes (CNPq). Para Daniel Munduruku, a literatura indígena “é a expressão da oralidade. Por que ela é indígena? Porque os indígenas que escrevem. Se a pessoa não é indígena, é um simpatizante da causa indígena e escreve um livro bonito sobre a sua experiência com os indígenas, ela está fazendo literatura da experiência que ela viveu, que ela vivenciou (...) A gente pode aprender com o discurso do outro, a gente pode falar como o outro fala, a gente pode aprender porque a nossa cabeça pode ser genial nesse sentido, mas, efetivamente, ser, você precisa ter mais que criatividade, você precisa ter pertencimento.”

Tiago Hakiy é poeta, contador de histórias tradicionais, palestrante e escritor. Nasceu no município de Barreirinha (AM), no coração da floresta amazônica. É graduado em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Em 2012 venceu o Concurso Tamoios, organizado pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. A literatura indígena para Tiago Hakiy, indígena do povo Mawé, a literatura indígena é “fundamentalmente ela é a oralidade (...) A escrita nunca foi a sua forma de perpetuação da sua memória, mas, sim a oralidade. Então, para que essa oralidade pudesse continuar reverberando, houve a necessidade de escrevermos. Então, aí nasce a literatura indígena. Logicamente que hoje ela tem formatos diferentes, não apenas recontos de histórias

tradicionais, mas, também com criações próprias. A literatura indígena, se dá quando os escritores começam a escrever, a recontar, a escrever algumas histórias pertencentes aos nossos povos.”

O estudo da literatura indígena conduz a uma reflexão sobre o outro, o diferente e a sua inclusão ou exclusão na sociedade contemporânea, no espaço urbano e na produção literária local e global. Sendo o homem um ser de linguagem, sua geração de construções de identidade e alteridade passa pelo espaço discursivo e, conseqüentemente, pela literatura.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. Estética da Criação Verbal. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. CNE/CEB. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Online. Brasília. Disponível em:<<http://portal.mec.gov.br/conselho-nacional-de-educacao>>Acesso em: 02 de março de 2020.
- CAPRILES, René. A força da poesia pré-colombiana. Letras & Artes, São Paulo, p. 5, abr, 1987.
- CORSINO, Patricia. Benjamin e Bakhtin: outros tempos e novos caminhos para a pesquisa em Educação. In: LEITE, Miriam; GABRIEL, Carmen Teresa (Orgs). Linguagem, Discurso, Pesquisa e Educação.: Editora De Petrus, 2015, p.193-216.
- DORRICO, Julie; DANNER, Leno Francisco, CORREIA, Heloisa Helena Siqueira, DANNER, Fernando (orgs). Literatura Indígena Brasileira Contemporânea: criação, crítica e recepção. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.
- FRANCA, Aline; SILVEIRA, Naira Christofolletti. A representação descritiva e a produção literária indígena brasileira. Transinformação, Campinas , v. 26, n. 1, p. 67-76, Abr. 2014 . Acesso em 22 de janeiro de 2021.
- FREITAS, Maria Teresa; SOUZA, Solange Jobim; KRAMER, Sonia (orgs). Ciências Humanas e Pesquisa: Leitura de Mikhail Bakhtin/ - São Paulo, Cortez, 2003, - (Coleção questões da nossa época; v.107).
- GRAÚNA, Graça. Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013.
- MINISTÉRIOS DA EDUCAÇÃO E DO ESPORTO. Lei de Diretrizes e bases da Educação Brasileira. Brasília, MEC, 1996.
- MUNDURUKU, Daniel. O caráter educativo do movimento indígena brasileiro (1970-1990)/ Daniel Munduruku. – São Paulo: Paulinas, 2012. – (Coleção educação em foco. Série educação, história e cultura)
- MUNDURUKU, Daniel. Mundurukando 2: sobre vivências, piolhos e afetos: roda de conversa com educadores / Daniel Munduruku. - 1.ed. - Lorena, SP: UK'A Editorial, 2017.
- ROSA, Francis Mary Soares Correia da.: A Literatura indígena e suas linhas de fuga, undefined f. Mestrado em crítica cultural Instituição de Ensino: Universidade do Estado da Bahia, Alagoinhas Biblioteca Depositária: Biblioteca do DEDC - II
- THIEL, Janice Cristine. A literatura dos povos indígenas e a formação do leitor multicultural. Educ. Realidade, Porto Alegre , v. 38, n. 4, p. 1175-1189, Dec. 2013. Acesso em: 30 de janeiro de 2021.
- THIÉL, Janice. Pele Silenciosa: a literatura indígena em destaque/ Janice Thiél. - Belo Horizonte: Autântica Editora, 2012.